

impedir de nos movermos — tem de ser um corpo. Pois bem: o medo não nos detém? A audácia não nos impede? A coragem não nos incita e dá ânimo? A temperança não nos refreia e faz recuar? A satisfação não nos exalta? A tristeza não nos abate? Em suma, tudo quanto nós fazemos, fazemo-lo sob ordens ou da maldade ou da virtude, e tudo quanto exerce poder sobre um corpo, tudo — é um corpo, tudo quanto dá força a um corpo — é um corpo! O bem de um corpo é corpóreo; o bem do homem é o bem de um corpo, logo, é corpóreo.

11 Respondi ao que me pediste, fiz-te a vontade. Agora direi eu próprio o que já estou a imaginar que tu vais dizer: tudo isto é um jogo!²³ Gasta-se o engenho com questões supérfluas: estas teorias não tornam os homens bons, apenas os fazem eruditos. "Saber" é algo de muito mais vasto, e também mais simples: não são precisas muitas letras para nos darmos um espírito bem formado; nós é que estamos habituados a desperdiçar tudo, e a filosofia não foge à regra. Sofremos de intemperança em tudo, até no uso das letras. Estudamos para a escola, não para a vida!²⁴

107

1 Que é feito da tua capacidade de prever? Onde está a tua sagacidade na apreciação das coisas? Onde está a tua grandeza de alma? Deixares-te afligir por uma questão

²³ Literalmente, "estamos jogando aos *larruncali*"; os *larruncali* (diminutivo de *luro* "ladro") eram peões que se movimentavam num tabuleiro de 64 casas de cor alternada, no género do actual jogo das damas.

²⁴ Máxima famosa, e de dramática actualidade; cf. Max Pohlenz, *Die Stoa*, I, p. 290 ss.

tão mesquinha!... Os teus escravos entenderam que as tuas múltiplas ocupações lhes davam azo para se pôrem em fuga! Se os teus amigos te enganassem (continuemos, apesar de tudo, a dar-lhes o nome que a nossa ingenuidade lhes atribuiu, para lhes não chamarmos coisa pior)²⁵ ausentaram-se dos serviços que te prestavam esses homens que não só não apreciavam a tua generosidade como ainda te imaginavam capaz de fazer mal a alguém. Nada disto se pode considerar um acontecimento insólito e inesperado. Sentir-se lesado por um caso destes é tão ridículo como lamentar-se por ser salpicado no balneário, empurrado no meio da multidão ou sujo por um bocado de lama. A condição da vida humana assemelha-se à passagem por um balneário, uma multidão ou uma estrada: certos contratempos serão provocados, outros casuais. Não é coisa fácil, a existência. Iniciaste uma longa jornada: há-de escorregar, de tropeçar, de cair, de te fatigar, de chamar (sem sinceridade!) pela morte! Aqui terás de abandonar o teu companheiro, além de levá-lo à sepultura, acolá de te precaveres contra ele. É através destas contrariedades que avaliaremos até que ponto é pedregoso este caminho da vida. Quem quiser morrer deve ter a alma preparada contra tudo; deve ter consciência de ter chegado ao local onde ressoa o raio, deve estar ciente de ter chegado lá onde

²⁵ Texto corrupto e lacunar. Séneca deveria estabelecer uma oposição entre *amigos* e *escravos*: se fossem *amigos* a enganar Lucílio, o caso seria relativamente grave (porquanto os pretensos amigos se revelariam, afinal, falsos), mas tratando-se de escravos fugitivos o caso carecia de gravidade, e era mesmo previsível.

"a dor e os remorsos vingadores puseram suas moradas,
onde habitam as páldas doenças e a dolorosa velhice."²⁶

4 Temos de viver com estes seres por companhia. Tu não
podes escapar a estes males, mas podes aprender a despre-
zá-los — e para tanto basta-te a meditar neles sem ces-
sar e conjecturar que todos eles podem ocorrer. Qualquer
pessoa enfrenta valorosamente uma situação para a qual
se preparou com antecedência, e resiste mesmo às circuns-
tâncias difíceis se nelas tiver previamente pensado. Um
indivíduo mal preparado, pelo contrário, fica em pânico à
mínima contrariedade. Temos, portanto, de fazer com que
nada nos caia em cima inopinadamente; e como as coisas
nos parecem mais graves quando não são previstas, uma
meditação contínua conseguirá que não te vejas em caso
algum com a inexperiência de um recruta!²⁷

5 "Fui abandonado pelos meus escravos!" Mas há quem
tenha sido roubado, denunciado, morto, traído, maltratado,
quem tenha sido envenenado ou caluniado. Aquilo de que
te queixas aconteceu a muitos outros.....²⁸ afinal de contas
são muitos e variados os males que nos podem atingir.
Alguns, como dardos, ficam espetados em nós, outros vibram
ao voar direito a nós, outros ainda vão apontados
6 a outras pessoas, e ferem-nos por acaso. Não nos admi-
remos ante nenhuma das casualidades para que nascemos,
e de que ninguém deve queixar-se, pois são iguais para
todos. É como digo, iguais para todos, pois mesmo quando

²⁶ Vergílio, *Aene.*, VI, 274-5; Séneca volta a citar o v. 275 na carta 108, 29.

²⁷ *Tiro*, o "recruta", o soldado acabado de ingressar nas fileiras, ainda inex-
periente. É relevante a insistência com que Séneca usa metáforas extraídas da
linguagem militar para aludir à contínua luta do filósofo por se aproximar da
perfeição.

²⁸ *Lacuna*, postulada por Summers e aceite por Reynolds.

alguém escapa a um mal nem por isso deixa de lhe estar
sujeito. Direito equitativo não é aquele de que todos efec-
tivamente usam, mas sim o que é proclamado para uso
de todos. Ordenemos à nossa alma que se mantenha tran-
quila e paguemos sem queixumes o tributo da nossa con-
dição mortal. O Inverno traz consigo o frio, logo nós
deveremos suportar o frio. O Verão traz consigo o calor, e
nós temos de suportar o calor. O tempo incerto é nocivo
à saúde, e nós temos de nos sujeitar à doença. Em qual-
quer lugar nos pode sair ao caminho uma fera, ou alguém
mais perigoso do que todas as feras: um homem! A água
destrói uma coisa, o fogo outra. Nós não podemos alterar
estas condições da existência; podemos, contudo, assumir
uma atitude de coragem, digna de um homem de bem, e graças
a ela suportar com valor os golpes do acaso e submeter-
-mo-nos à lei da natureza. A natureza, aliás, com as suas
alternâncias, torna mais suportável o mundo à nossa volta:
a bonança sucede à tempestade; o mar agita-se, mas antes
estivera calmo; os ventos não sopram continuamente; o
dia segue-se à noite; uma parte do firmamento eleva-se
acima do horizonte, enquanto a outra desce
abaixo dele: em suma, o ritmo constante do universo é
altermo. A esta lei deve conformar-se o nosso espírito; 9
deve ceder, deve obedecer a tal lei. Deve ter a consciência
de que tudo o que acontece não pode deixar de acontecer,
em vez de se atrever a censurar a natureza. A melhor ati-
tude a tomar é a de aceitar o que não podemos alterar, e
conformarmo-nos sem resmungar com os desígnios da
divindade que rege o curso do universo: mau soldado é
aquele que segue o seu general sempre a queixar-se!²⁹ Por 10

²⁹ Cf. supra nota 27.

conseguite aceitamos pressurosos e animados as suas ordens, não queiramos fugir ao curso desta máquina deslumbante na qual estão entrecidos também os nossos sofrimentos. Dirijamos a Jupiter (o timoneiro que dirige esta imensidade) palavras semelhantes às que o nosso Cleanthes usou nos seus magníficos versos, e que eu, seguindo o exemplo desse grande escritor que foi Cícero, me permito traduzir para a nossa língua. Se eles te agradarem, acolhe-os favoravelmente; se não te agradarem, fica pelo menos sabendo que eu procurei imitar o exemplo de Cícero.

11 "Guia-me, ó pai que reges o excelso céu,
para onde te apronhar: não visitarei em obedecer-te;
aqui estou, sempre pronto! Se resistir, terei de seguir-
te gemendo, suportando de má vontade o que podia
ter feito de bom grado. O destino guia quem o segue,
arrasta quem lhe resiste!"³⁰

12 Vivamos assim, falemos desta maneira! Que o destino nos encontre sempre prontos, sempre de boa vontade. Uma alma verdadeiramente grande é aquela que se confia ao destino. Mesquinho e degenerado, pelo contrário, é o homem que tenta resistir, que ajuíza mal da ordem do universo e que acha preferível corrigir os deuses do que emendar-se a si próprio!

108

1 A questão que me pões é daquelas que apenas importa solucionar pelo simples prazer de as solucionar. Apesar de

³⁰ S.V.F., I, 527. — O original grego dos quatro primeiros versos (de que Séneca dá uma tradução livre) é conhecido, v. o fr. citado dos S.V.F.: o quinto verso, porém, não se encontra nas fontes gregas; se já figurava no texto de Cleanthes ou se, pelo contrário, é da autoria de Séneca, *ad hoc sub iudice lis est*. Cf. do mesmo Cleanthes o belo hino a Zeus em S.V.F., I, 537 (trad. portuguesa em M.H. da Rocha Pereira, *Héllade*, Coimbra, 1982, pp. 444-5).

tudo, como tens prazer em conhecê-la, empenhas-te em a colocar, sem queres esperar pela obra de conjunto que eu estou neste momento a compor dedicada à "Filosofia Moral"³¹. Vou, então, responder ao teu problema, mas não sem que antes te aconselhe como deves moderar esse apêtitte ardente de saber de que te vejo possuído, não vá ele, em vez de benéfico, ser nocivo à tua formação. Repara que as questões não devem ser estudadas desordenadamente, nem convém tentar abarcar tudo de uma só vez; é gradualmente que chegarás à totalidade das nossas teorias. Importa também que não te esforces para além das tuas capacidades, nem tentes abarcar mais do que a tua preparação de momento te permite. Em suma, consagra-te ao estudo, não de tudo quanto te interessa mas sim de tudo quanto estás habilitado a entender. Se não desanimares, virás a conhecer tudo o que desejas, pois quanto mais conhecimentos o espírito absorve tanto mais capacidade vai adquirindo.

3 Ainda guardo na memória um preceito que ouvi a Átalo nos tempos em que frequentava a sua escola (onde eu era sempre o primeiro a chegar e o último a sair); até mesmo durante os passeios do mestre eu o aliciava à discussão de um ou outro problema, aproveitando-me do facto de ele estar sempre pronto a ir ao encontro dos interesses dos seus discípulos. Dizia Átalo que "o docente e o discente se devem unir num propósito comum: o primeiro, ser útil ao discípulo, o segundo, tirar benefício do convívio com o mestre." De facto, quem convive diariamente com um filósofo obtém sempre algum benefício: ou o seu carácter se aperfeiçoa, ou se torna mais apto a

³¹ Cf. supra, carta 106, 2 e nota 19.